

ESCRITAS DE MENINAS ASSENTADAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE JUVENTUDE RURAL E GÊNERO

Silvia Regina Marques Jardim¹

Resumo

O trabalho busca tecer considerações sobre juventude rural e gênero por meio do estudo de percepções de meninas assentadas sobre a juventude, ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, entre eles a família e a escola, e podem se estender ao longo da vida. Apresenta as questões: Como as relações de gênero, entendidas como decorrências de relações de poder, são percebidas pelas jovens? Quais os projetos? Como se configuram as trajetórias em torno de gênero e geração em meios rurais? Dez meninas, entre 12 e 15 anos, estudantes da Escola do Campo, no Assentamento *Bela Vista do Chibarro*, Araraquara/SP, participaram da pesquisa, aceitando escrever diários. Foram realizadas entrevistas com as jovens, suas mães e algumas avós para aprofundar temas surgidos nos diários e captar elementos de mudanças de comportamentos. Os resultados mostram que os diários podem ser uma fonte rica de dados, pois permitem vislumbrar como as jovens interagem com sua realidade a partir de vivências no cotidiano. A linguagem é forma de produção da cultura. Ao escreverem, as jovens tornam vivas suas respostas ao momento social e cultural que vivem; escrevem sobre paixões, sonhos, dificuldades; questionam preconceitos como a imposição de tarefas domésticas *versus* a liberdade de ir e vir dos meninos; descrevem sentimentos de angústias perante o exercício do poder paterno e relatam questões ligadas à sexualidade. As escritas evidenciam as diferentes formas com que as mulheres do meio rural se posicionam no seu contexto social, atribuem sentidos ao cotidiano e fortalecem suas identidades ao produzir uma cultura pautada em mecanismos de resistência às imposições de normas e em anseios educacionais e profissionais.

Introdução

O presente trabalho busca desenvolver a temática gênero relacionada a juventude rural, com especial destaque sobre o que pensam jovens meninas sobre juventude, educação, perspectivas e

¹ Doutoranda em Educação, orientada pela Profa. Dra. Dulce C. A. Whitaker - Programa de Pós Graduação em Escolar - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Araraquara; Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb, Campus de Vitória da Conquista; e-mail: silvia_uesb@yahoo.com.br

relações sociais. O interesse pelo cruzamento entre juventude rural e relações de gênero está por entender que as relações de poder estão fortemente presentes nas instituições sociais e influenciam os processos de formação das identidades.

A fase da juventude na qual o trabalho está centrado é a adolescência que, segundo o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) é o período da vida que vai dos 12 aos 18 anos. É o momento em que se deixa de ser criança e as transformações no corpo tornam-se visíveis. Para além das questões biológicas, é um período da vida marcado pela expansão da vida social e o afloramento de características da sexualidade. É um período de ansiedades, de decisões, de experiências amorosas, de reflexão sobre o mercado de trabalho, de sentimentos diversos no que se refere a expectativas e “cobranças” da família e da sociedade sobre seu futuro.

O enfoque no gênero e juventude permite compreender o assentamento não apenas no que diz respeito à questão agrária, mas sim numa dimensão mais ampla, valorizando a dimensão sócio-cultural e integrativa. É expandir a visão de visões de mundo e contemplar as diversas aspirações de pessoas que interagem nesse espaço. A finalidade desse trabalho é trazer à tona a importância de se pensar o gênero e a valorização da diferença como condição indispensável para mudança de mentalidades e para o pleno desenvolvimento humano, com igualdade, justiça social e participação comum (e não dominação/opressão) dos sujeitos em todos os âmbitos da sociedade e da cultura.

Para a realização do trabalho, foi realizada uma pesquisa na Escola do Campo “Hermínio Pagotto”, localizada no Assentamento Bela Vista do Chibarro, em Araraquara/SP. Nessa escola, foram realizados contatos com dez jovens estudantes com idade entre 12 e 15 anos e foi proposto a elas que escrevessem diários nos quais elas poderiam escrever livremente sobre situações de cotidiano, sobre sonhos, sobre sentimentos em relação ao futuro, sobre memórias, relações afetivas e sociais, enfim sobre seus modos de vida. Isso ocorreu no ano letivo de 2009 e, no final do ano, foram realizadas entrevistas com as jovens e também com suas mães no intuito de aprofundar temáticas tratadas nos diários e analisar elementos que pudessem apontar ruptura e continuidade de geração no que diz respeito, por exemplo, aos anseios, experiências e necessidades que configuram a diversidade de vivências das mulheres rurais. Por se tratar de pesquisa qualitativa, procurei identificar, nos diários, os temas mais frequentes, buscando identificar quais temáticas pareciam ser importantes para as meninas. O mesmo se deu com as

entrevistas: apesar de um roteiro, permiti que os temas surgissem com naturalidade para, direcionar perguntas complementares.

Para os objetivos dessa pesquisa foi importante entender como as jovens sentiam sua juventude a partir das experiências que vivem. Portanto, temáticas como cotidiano, vida familiar, afetividades, sexualidade, a vida no assentamento, vida escolar e anseios serão elementos importantes para o desenvolvimento do trabalho. Porém, a pesquisa exigiu uma maior dedicação a referências como juventude rural, educação, gênero e cultura. Nos limites desse texto, procuramos discorrer sobre aspectos gerais dessas categorias.

1. Juventude Rural e Gênero: a escolha dos conceitos/categorias iniciais

A década de 1980 é considerada uma década importante no cenário educacional, político, social e cultural no Brasil por ser reconhecida como uma década marcada pelo fortalecimento de diversos movimentos sociais em luta pelos direitos e a promulgação da Constituição de 1988. É um período de intensa produção intelectual sobre igualdade/equidade, desenvolvimento, democracia, exclusão/desigualdades que resultaram em conquistas no que diz respeito a práticas inclusivas e exercício de cidadania. É uma década em que, por exemplo, estudos rurais e estudos de gênero são fortalecidos e visibilizados na academia. Porém, adentramos o século XXI com muitos problemas do século passado sem solução, como o desemprego e a violência. É nesse contexto que se enquadra a temática proposta no presente trabalho cujo foco é a tentativa de relacionar práticas culturais, juventude rural e relações gênero. Trata-se de pensar, no mínimo, duas importantes diferenças: a diferença do gênero e a diferença de estar nos meios rurais.

Whitaker (2008), ao tecer considerações sobre estudos que se debruçaram sobre o tema juventude, aponta para a pouca atenção à juventude pertencente ao rural que, aparece, muitas vezes, cobertos por generalizações ou até mesmo por preconceitos, sendo este jovem visto como um indivíduo de poucas aspirações escolares e profissionais. Essa falta de olhar para a juventude rural pode apontar para a representação da hierarquia existente entre campo e cidade, na qual o primeiro sempre aparece desvalorizado. Felizmente, a autora diz que pesquisas recentes têm tido o cuidado para não se deixar levar por equívocos e generalizações ao falar da juventude rural. Apesar de reconhecer aspectos semelhantes entre jovens da cidade e os que vivem no campo (roupas, amizades, gostos, linguagem) o que demonstra que o jovem rural não está isolado do

mundo globalizado, os jovens do meio rural possuem especificidades que não devem ser desconsideradas. Uma dessas especificidades é a luta contra preconceitos produzidos pelas imagens urbanas que estigmatizam o campo e seus moradores. Outra característica é a pouca atenção de políticas públicas voltadas ao jovem pertencente ao rural.

Castro (2008) diz que juventude rural é uma categoria complexa e que ser jovem, muitas vezes, representa uma hierarquia social em que a juventude é entendida a partir de uma concepção transitória do ciclo de vida que coloca o jovem como “pessoas em formação, incompletos, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados. Juventude rural é uma categoria particularmente reveladora dessa configuração de relações de hierarquia. A análise dessa categoria permite percebermos como os processos de construção de categorias sociais configuram e reforçam relações de hierarquia social. Um recorte central para a compreensão da reprodução social de relações de poder e de subordinação é olharmos mais de perto para a ‘posição’ que ocupa a ‘jovem mulher’ nesse cenário” (CASTRO, 2008, p. 124).

Gênero é importante categoria relacional de análise porque apreende como um dos dispositivos do poder é estabelecido e disseminado nas sociedades, permitindo caminhos para compreender as relações sociais e, conseqüentemente, para romper com naturalizações. A utilidade do gênero está em desconstruir significados que foram socialmente construídos e mostrar que, quando construídos em torno da diferença sexual, podem e devem ser reconstruídos. Nesse modo de pensar, é crucial uma atenção aos “modos pelos quais as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência”. SCOTT (1995, p. 80). Enquanto elemento constitutivo das relações baseadas nas diferenças físicas, o gênero aponta quatro elementos interrelacionados: símbolos, conceitos normativos, organização social e identidade subjetiva. Este esboço não se aplica apenas às relações de gênero: serve para examinar qualquer processo social.

A introdução categoria de análise gênero nas Ciências Humanas é uma forma de aprofundar os estudos sobre as relações entre mulheres e homens e ligá-las em seu caráter social, histórico e cultural. Sua importância está em problematizar os discursos naturalizadores que justificam discriminações pautadas nas diferenças físicas. Disso, resultou o interesse em se diferenciar, cada vez mais, o sexo biológico (masculino ou feminino) do sexo social (gênero). O gênero, então, passa a ser entendido como uma construção social que atravessa a família, a escola, a igreja, o

trabalho, rompendo com toda forma de polarização. Trata-se de uma categoria que está em constante processo de construção conforme os estudos avançam e se ampliam. O seu aspecto relacional permite pensar as diferenças nas relações humanas, relações que têm historicidade própria e, portanto, são mutantes, e não se afirmam sempre da mesma maneira.

A categoria de análise gênero desafia as raízes das desigualdades, ao trazer em seu rastro as outras diferenças, chamando a atenção para a percepção de que elas são atravessadas mutuamente. Dito de outra forma, gênero não significa uma variável que se refere ao masculino ou ao feminino como termos autônomos: vai além, pois está imbricado com o sistema de relações, trata-se de um olhar para a diferença.

Mas não se trata apenas de teorias. O movimento de mulheres, enquanto movimento social, deve ser lembrado, pois possibilitou os quesitos necessários para legitimar a mulher como objeto de estudo e provocar visibilidades políticas, históricas e culturais. Isso porque o movimento e a categoria de análise foram constituídos numa relação de teoria e prática muito próximas. Portanto, ao estudar o gênero, também é importante entender o sentido das lutas desses movimentos.

Castro lembra que gênero e juventude são categorias que se constroem face às relações de poder e se constituem como identidades sociais. Gênero é uma categoria já abordada no meio acadêmico, mas juventude parecer ser um pouco mais recente. Apesar de idéia de juventude ter sido construída por volta do século XIX, as diferentes formas de juventude desafiam a abertura de um conjunto de debates que se ocupam dos direitos sociais. Isso porque a juventude está associada a uma transitoriedade do ciclo da vida, à imagem

de pessoas em formação, incompletos, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados. Juventude rural é uma categoria particularmente reveladora dessa configuração de relações de hierarquia. A análise dessa categoria permite percebermos como os processos de construção de categorias sociais configuram e reforçam relações de hierarquia social. Um recorte central para a compreensão da reprodução social de relações de poder e de subordinação é olharmos mais de perto para a 'posição' que ocupa a 'jovem mulher' nesse cenário (CASTRO, 2008, p. 124)

Gênero é uma categoria bastante complexa que está pautada nas relações de poder e está fortemente presente nas instituições sociais como forma de atribuir significados aos indivíduos a partir da diferença biológica – o sexo. Ao longo dos séculos, a sociedade avançou e o patriarcalismo foi superado. Porém, a ideologia patriarcal ainda não foi de todo superada: ela mostra-se no nível das

mentalidades, nas práticas de socialização e formas sutis de discriminação estão presentes na linguagem, são veiculadas em diversos meios como propagandas, novelas fazendo parte do senso comum. Não é difícil, por exemplo, depararmos com perguntas do tipo “quem dirige melhor: o homem ou a mulher” e obter como resposta como “a mulher é mais cautelosa, mais jeitosa, mais delicada”.

No que diz respeito às desigualdades entre mulheres e homens, a ideologia escondida por trás de discursos que educaram a mulher exaltando sua docilidade e delicadeza é surpreendente: na esfera do trabalho, observa-se discursos que impedem a mulher de realizar determinadas tarefas por serem “pesadas demais”. Porém, basta um olhar atento para evidenciar a atuação feminina em tarefas pesadas, porém de baixo valor social. Exemplo disso: trabalhadoras no corte de cana; mulheres carregando lenhas; varrendo as ruas públicas; sem contar que muitas mulheres chegam em casa do trabalho e vão cuidar dos afazeres domésticos.

Portanto, pesquisar, sob a ótica da categoria gênero, possibilita abrir novos caminhos e espaços, propiciando que práticas pedagógicas e discursivas sejam analisadas, não apenas no que diz respeito a gênero como também torna possível pensar sobre a diversidade em uma dimensão mais ampla. As propostas dos estudos de gênero querem ir além da igualdade entre mulher e homem, pois carregam a valorização das diferenças e das identidades em seu sentido mais amplo (raça, classe, opção sexual etc.). Sua adoção permite refletir sobre diversidade a fim de pensar em estratégias de luta para combater formas de discriminações, de desigualdades, de preconceitos e de homogeneização, pois a diferença não deve ser motivo para as desigualdades. Por isso, todo trabalho acadêmico que envolva seres humanos poderia ser atravessado pela categoria de análise gênero, pois ela é uma categoria que está entrelaçada com todo o processo de formação de identidades e relações sociais, quer seja na Antropologia, na Sociologia, na Educação, na Saúde, na Política.

2. A cultura e a formação do indivíduo

A realização da pesquisa passa pelo entendimento de que fatores sociais diversos são fundamentais para a definição da juventude, ou melhor, não há uma forma única capaz de “capturar” o sentido da juventude. As jovens assentadas são sujeitos de sua história e tecem a sua cultura à medida que elas vão percebendo sua realidade, o que se dá pela via da experiência e na

forma como valores diversos são transmitidos, internalizados e vividos. As meninas jovens moradoras do assentamento produzem e partilham uma cultura, consomem idéias e dá interpretações à realidade vivida. A cultura tem um caráter multifacetado e, quando o seu estudo que as diferenças possam ser visualizadas. São formas diferentes de perceber o mundo, que se dá pela via da experiência e também na diversidade dos sujeitos que transmitem valores e modos de viver. Estudar a juventude no campo e com o olhar atento para o gênero permite que atentemos às franjas do que se considera totalidade, pois mostra a importância em olhar para ação individual, para as rupturas e fragmentações.

Juventude é parte do ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, entre eles a família e a escola. Esses processos podem gerar conflitos, uma vez que o processo de socialização lida com relações de poder, entre eles, o poder do pai e com o processo de constituição da identidade do indivíduo. Identidade pode ser entendida como resultado de práticas de um grupo social e, ao mesmo tempo, é algo em constante mudança, que vai diferenciando o indivíduo de outros, fazendo-o único em seu grupo social. Ou seja, não dá para pensar em identidade sem pensar a diferença e vice versa.

A cultura é parte essencial no processo de formação do ser humano e ela pode ser compreendida como um movimento que dá significado a diversas situações sociais, uma vez que o ser humano não vive de uma única cultura. Freire (2005) ajuda a compreender a importância de se perguntar qual o sentido de cultura que determinado grupo social está produzindo. Isso porque, muitas vezes, discursos ideológicos veiculam uma concepção de cultura única e que determinados grupos sociais encontram-se desprovidos ou afastados dela. A cultura implica modos de comportamento, valores, conhecimentos e formas de viver. Geertz (1989) diz que a cultura é a base do processo de humanização; e o que se costuma dizer cultura popular *versus* cultura erudita não significa estilos diferentes, mas relações de poder, de limites, de luta, de manipulação e, pode-se dizer, nesse caso, por trás do termo “cultura” há ideologia e mecanismos de opressão do outro. Freire (2005) diz que a opressão, numa dimensão antropológica “mata” a cultura, anulando o saber ou o conhecimento do outro. O autor completa que a cultura produz o ser humano e muda de acordo com o tempo e com o espaço. Durante todo o desenvolvimento da vida, o ser humano vai, por meio de processos de socialização, internalizando modelos, crenças e valores assimilando, assim, a cultura do grupo social a que pertence. Não se trata de um processo tranquilo, pois o processo de socialização não traz só a cultura:

ele veicula ideologias que procuram “moldar” o indivíduo de acordo com crenças e pensamentos pertencentes a um determinado grupo considerado dominante (WHITAKER, 1988).

É observável, ainda, que práticas sutis de opressão são justificadas a partir do argumento de que estas práticas são culturais, faz parte do grupo social a que pertence o ser humano e, que por isso, as relações de poder decorrentes são entendidas como naturais. Felizmente, o ser humano reage às imposições de padrões de comportamento e, ao utilizar mecanismos de resistência, promove transformações. Eis que surge o que poderíamos chamar educação e toda a contradição que ela carrega em seu cerne que será discutida durante todo o desenvolvimento desse trabalho. Educação, não só a educação formal, mas as práticas educativas que visam à formação do ser humano surgem no intuito de, nos dizeres foucaultianos, disciplinar e tornar dócil o ser humano para melhor servir a determinados grupos sociais. Por outro lado, a educação possui toda uma positividade porque, é por meio dela, que o ser humano adquire conhecimentos, produz tecnologias, amplia sua visão de mundo. A educação torna possível que o ser humano esteja mais atento e sensível para as desigualdades de sua sociedade; ela é o veículo da cultura e deve ter por objetivo a promoção e respeito às culturas comuns, valorizando a função da cultura para o desenvolvimento da social.

Geertz (1989) permite entender que a cultura organiza a sociabilidade dos grupos, canaliza o saber vivido para mudanças de comportamentos; ela é um mecanismo de trocas que humaniza as relações sociais, tornando possível a transformação. A cultura é constituída por um sistema simbólico presente nas atividades humanas, ou melhor, ela é o universo de sentido e de valores que o grupo social dá àquilo que considera como sua realidade.

A cultura não é consenso social, ela é diversificada e vivida pelos indivíduos de forma plural, por meio da experiência, da transmissão de valores e dos modos de viver dos sujeitos. A cultura, por meio de teia de signos, codifica o mundo e, é por meio dela, que as pessoas dão significados aos objetos, às situações, aos acontecimentos e até mesmo a outras pessoas. De posse desse “código”, os indivíduos se movimentam na sua cultura e buscam agir de forma que seu comportamento possa ser aceito pelo grupo social do qual faz parte.

3. OS DIÁRIOS: uma análise possível a partir da categoria gênero

Como já observado, foram entregues cadernos às meninas que se dispuseram a participar da pesquisa e esses ganharam uma nova roupagem: o caderno transformou-se em “Diário” ou “Meu

querido Diário”. Os diários mostraram-se um instrumento de coleta de dados interessante porque a escrita no diário supõe um momento em que a jovem fica sozinha e pode desfrutar de um tempo e espaço para escrever; é um tempo de reflexão e manifestação da produção de uma cultura. O diário é um produto da escrita e cada menina foi imprimindo nele sua marca, sendo muito comum o uso de desenhos e letras coloridas. Muitas usaram tais símbolos e letras de música como forma de elaboração do próprio pensamento para expressar sentimentos. Eis a importância das múltiplas formas que o ser humano tem para se expressar, ou seja, a relação entre expressividade verbal e não verbal que transcende o lado formal do uso da língua escrita tão ditada na escola: é a escolha livre de recursos lingüísticos, sem preocupações com o que “ensina” a escola. Em resumo, o processo de escrita revela a singularidade de um sujeito e a apropriação da língua escrita produz uma cultura, um saber e também um poder. Interessante que, nesse caso, o caderno era um pouco mais do que um diário que pressupõe a ausência de leitor. As meninas consideravam a recepção de uma leitora e, por conta disso, era comum o uso de meu nome no diário, a cada narrativa e, da mesma forma, era muito comum pedidos de conselhos ou opiniões sobre determinados assuntos, principalmente no que no dizia respeito sobre paqueras e namoros. Mais que isso, a narrativa pressupõe a escolha consciente do que vai ser escrito e como, na visão do narrador, seu material deve ser lido ou exposto ao receptor.

Os diários, como o próprio nome diz, retrata situações cotidianas e, dentro desse cotidiano, emergem as experiências vividas, a realidade social. É a organização do tempo que é dividido entre o espaço da escola, o período reservado para a casa e para a família e o espaço de tempo reservado ao lazer, às relações sociais ou afetivas.

A família e sua extensão (relações de parentesco) e também o próprio assentamentos são referências para as jovens no sentido de apoio moral, estabelecimentos de relações de afeto e o sentimento de pertença, importante para o fortalecimento da identidade. É a família, ainda, quem cumpre o papel de incentivar a ascensão social.

Minha mãe quer que eu faça faculdade de gestão ambiental ou estilista ou educação física, eu adoro esporte. Meu pai quer que eu seja médica. Eu sonhava em ser uma advogada chique ajudando o povo do bem. Estilista adoro me arrumar e arrumar minhas irmãs e fazer vestidos, desenhar. (C, 13 anos)

Todavia, a família e a comunidade representam sensações de restrição e até mesmo reprovação de condutas e de anseios, principalmente quando escrevem sobre liberdade e relacionamentos amorosos.

“eu acho que estou apaixonada só que eu não sou correspondida. Eu estava pensando em contar pra minha mãe só que eu tenho medo que ela conte para o meu pai ou brigue comigo. Eu não sei o que faço” (J, 13 anos)

“Eu queria saber mais sobre esse mundo. As coisas em dia não são assim. Esse negócio dos pais não deixar o filho sair. Hoje os pais são mais inseguros. Alguns não tem confiança nos filhos. Eu acho que as coisas teria que mudar de forma correta. Eu acho que sair de casa é um dever de todos os jovens. Minha mãe, ela não deixa eu sair de casa. Eu me sinto como um bicho preso na gaiola que não tem esperança de sair de casa.” (L, 14 anos)

As jovens valorizam a educação escolar como forma de crescimento pessoal e profissional, sem que isso signifique abandonar o assentamento ou sua cultura. Pelo contrário: um instrumento importante para formação política. As moças reconhecem a educação escolar pública é desvalorizada, mas isso não é obstáculo para falar de sonhos como o de cursar um bom curso superior.

A escola é uma referência importante, pois elas desejam ascensão social e sonham em poder cursar o nível superior. Interessante que a maioria das meninas mostra um apego afetivo ao assentamento e, principalmente, à família, fato que as levam a pensar um curso e profissão, muitas vezes, condizentes com as necessidades do assentamento. Exemplo disso são aspirações ao curso de Direito e cursos voltados à área de Saúde e ao Magistério. Percebe-se uma vontade de permanecer no assentamento e contribuir com seu desenvolvimento. Observamos também que esses cursos são cursos ligados ao cuidar e defender o ser humano, cursos que são identificados como profissões de mulher. Da forma que a educação escolar, o trabalho é um dos pilares que fazem parte dos projetos dessas jovens. É o sentimento de adquirir autonomia e liberdade:

Afirmção muito comum e está presente em todas as situações protagonizados, são os afazeres domésticos. As meninas, desde muito cedo, iniciam as tarefas da casa, ocupando o seu tempo entre a escola e os serviços domésticos que significa, por exemplo, limpar a casa, olhar os irmãos menores e fazer comida. L, jovem de 14 anos, desabafa em seu diário:

“O que a juventude? Par mim a juventude é trabalhar em casa. De vez em quando jogar futebol. Minha mãe às vezes acha que devo passar a juventude fazendo serviço e depois sair um pouco”

Outra situação que se multiplica nos escritos é a referência aos namoros. Quando elas não namoram, elas “ficam” e o “ficar” é feito às escondidas, pois elas sentem receio da repreensão

não só dos pais e familiares, mas da comunidade como um todo. Há um desejo de viver um amor, os encantamentos pelos garotos são uma constante nos diários, muitas vezes seguida de uma decepção resultado de o garoto ter outra namorada ou “ficar” com uma garota. Frustração que logo é superada com o encantamento por um outro namorado. Essa fase do desejo de viver um amor vem acompanhada de cuidados com a aparência física.

Considerações

A pesquisa tem permitido reflexões para a educação ao visualizar, no mínimo, duas importantes diferenças que permeiam a juventude: a diferença do gênero e a diferença de estar nos meios rurais. Pensar a juventude de assentadas possibilita abrir o leque para análises sobre educação rural e sobre relações de gênero. Trata-se de trazer à cena uma cultura juvenil que deve ser reconhecida e valorizada e, assim, continuar a comunicação entre a pesquisa acadêmica (universidade), educação (por meio de políticas públicas eficazes) e movimentos sociais, uma vez que são eles, organizados, que conquistam direitos sociais mesmo que para isso, muitos de seus militantes abram mão da própria vida.

As marcas escritas e orais mostram a produção de uma cultura, mostram histórias singulares, únicas marcadas por sonhos, alegrias e sofrimentos. Aspectos muitos comuns à humanidade em que as marcas de exclusão e de esperança aparecem, muitas vezes, de forma sutil, mas carregadas de todo um sentido político, cultural e social.

Os diários e suas autoras constituíram o centro de toda a pesquisa e, ao olhar para eles, tentei “quebrar” a obviedade: considero-os uma obra de arte que retrata o cotidiano de meninas jovens assentadas e, a cada leitura dos diários, pude ver e redescobrir situações cotidianas que mostraram sua importância à medida que me levava a refletir sobre as relações familiares e as relações com o outro. Temas que tomaram força e assumiram um significado especial, pois os diários retrataram histórias centradas sobre uma fase da vida marcada pela passagem da infância para a juventude. São biografias de jovens projetadas ao nível de suas aspirações.

Ao abrirem sua voz, as moças tornaram vivas suas respostas ao momento social e cultural que vivem; elas dialogam e questionam preconceitos e situações experimentadas; diálogo que tem proporcionado reflexão de sua própria vida e, ao mesmo tempo, reflexões que permitem o fortalecimento de suas identidades e valorização de uma cultura considerada “popular”. Isso é o

avesso das insistências preconceituosas de pessoas residentes em meios urbanos que enxergam e veiculam imagens do campo como lugar do atraso e de pessoas acomodadas que permanecem à margem da cultura “erudita” e optam por esperar “ajudas” governamentais.

Referências

CASTRO, Elisa Guaraná. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. B.; WHITAKER, Dulce Consuelo A (orgs.). **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara, 2008. p. 112-130.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 12^a. Ed. Paz e Terra: São Paulo, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Trad: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.

MENEZES, Marilda A. MALAGODI, Edgard; MARQUES, Francisco R. Juventude e educação em assentamentos do brejo paraibano. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. Botta; WHITAKER, Dulce Consulelo A. **Reforma Agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais** (org.). Brasília: MDA; São Paulo: Uniara (co-editor), 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

WHITAKER, DULCE C.A; **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau, SPLetras à margem, 2002.

WHITAKER, D. C. **Mulher & homem. O mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1988 (Coleção Polêmica).